



**BIBLIOTECA
NACIONAL**

**MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL
NÚCLEO DE PESQUISA**

Bernardo Borges Baião Guimarães Fernandes

**EM DEFESA DA CULTURA AFRICANA: UMA ANÁLISE DAS
CORRESPONDÊNCIAS TROCADAS ENTRE ARTHUR RAMOS E ÉDISON
CARNEIRO ACERCA DOS ESTUDOS AFRO-AMERICANOS**

Rio de Janeiro

2018

Bernardo Borges Baião Guimarães Fernandes

**EM DEFESA DA CULTURA AFRICANA: UMA ANÁLISE DAS
CORRESPONDÊNCIAS TROCADAS ENTRE ARTHUR RAMOS E ÉDISON
CARNEIRO ACERCA DOS ESTUDOS AFRO-AMERICANOS**

Artigo apresentado ao Núcleo de
Pesquisa da Fundação Biblioteca
Nacional

Rio de Janeiro

2018

Resumo

Este trabalho centra-se no exame das correspondências trocadas entre Arthur Ramos e Édison Carneiro ao longo das décadas de 1930 e 1940, período em que contribuíram de maneira decisiva para a renovação das pesquisas acerca da presença africana nas Américas. A documentação possibilita apreender em pormenores a construção de uma ampla rede de colaboração entre esses autores, que abarca, dentre outras estratégias, trocas bibliográficas, indicações acadêmicas e convites para a organização de eventos. Além disso, revela a importância de Arthur Ramos para a consolidação dos assim chamados Estudos Afro-Americanos.

Palavras-chaves: estudos afro-americanos; intercâmbio de ideias; cultura afro-americana; História da América; Arthur Ramos; Édison Carneiro; História Intelectual

“O espantoso é que os índios como os pretos, postos nesse engenho deculturativo, consigam permanecer humanos”.

(Darcy Ribeiro)

Introdução

A trajetória intelectual de Arthur Ramos (1903-1949) e Édison Carneiro (1912-1972) insere-se em um cenário de renovação das ideias em torno dos projetos nacionais americanos. Após décadas de uma fracassada tentativa de transpor o pensamento nacionalista europeu para as Américas, os intelectuais dedicados ao tema envolveram-se em um esforço para repensar as bases de uma identidade latino-americana particular. Essa nova postura implicou em importantes mudanças, a exemplo da ressignificação da mestiçagem e, conseqüentemente, da contribuição dos povos não-brancos que habitavam o território.

Desde a chegada dos europeus, em princípios do século XVI, a América transformou-se em um espaço destinado à reprodução de privilégios por parte de uma elite branca que se achava no direito de subjugar as demais. Nesse sentido, conforme atesta o filósofo búlgaro Tzvetan Todorov (1939-2017), as relações tecidas pelos grupos envolvidos no processo de conquista colonial pautaram-se pela lógica da *alteridade*, condição essa mantida ao longo dos séculos seguintes¹. Isto é, tudo aquilo que não se enquadrava nos pressupostos estabelecidos pelos conquistadores era julgado como inferior e, portanto, passível de eliminação, seja pelo genocídio, seja pela assimilação forçada. Essa é a base ideológica que legitimou tanto a escravidão indígena quanto a africana, cujas conseqüências são sentidas até a atualidade.

De acordo com Darcy Ribeiro, cerca de 6 milhões de africanos foram trazidos ao Brasil até 1850, quando ficou proibido o tráfico de escravos². Esse grupo, bastante heterogêneo³, se somou a outros 5 milhões de povos nativos e uma parcela menor de europeus, segundo estimativa do mesmo autor, dando início a um inevitável processo de interação étnica e cultural. Superado o *choque da conquista*, que dizimou uma enorme

¹ TODOROV, Tzvetan. A conquista da América – A questão do outro. Trad. Perrone-Moises, Beatriz. – 4ªed.- São Paulo: Martins Fontes, 2010

² RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 2006, p.209

³ De acordo com Arthur Ramos, em *O Negro Brasileiro*, é possível distinguir três diferentes matrizes culturais entre os povos africanos trazidos ao Brasil entre os séculos XVI e XIX. O primeiro deles de origem *Yorubá*-também chamados de *nagô*-, do Daomé- também conhecidos como *gegê*- e pelos Fanti-Ashanti- também chamados de *minas*, cuja origem é a região do atual Sudão, Serra Leoa e Costa do Marfim. O segundo grupo abarca os povos islamizados do norte da Nigéria e abarca especialmente os *Mandinga e os Haussa*, também conhecidos como povos *malé*. Por fim, o terceiro grupo corresponde aos povos de cultura *Bantu*, originários da atual Angola, Congo e Moçambique. Dados consultados em RIBEIRO, 2006, p.109.

quantidade de indígenas, prevaleceu a dinâmica da *mestiçagem*, dando origem a uma cultura híbrida⁴.

No entanto, ainda que, na prática, esse processo fosse potencializado pelos próprios europeus no cotidiano, no campo discursivo vigorou uma lógica de diferenciação destacadamente etnocêntrica. Essa posição é facilmente observável nos relatos de viagem produzidos por missionários jesuítas, naturalistas, entre outros que viveram no Brasil durante o período colonial. Num dos mais famigerados discursos, produzido por Pero de Magalhães Gândavo (1540-1579), a cultura nativa é amplamente desqualificada:

A língua que se fala ao longo de toda a costa é a mesma (...) Faltam três letras, a saber: o F, o L e o R, coisa estranha, eles não têm nem Fé, nem Lei, nem Rei, e vivem assim sem ordem, sem peso nem medida, e sem contar.⁵

Os povos africanos receberam um tratamento igualmente hostil, conforme pode ser observado abaixo em um trecho do poema do Padre Antônio Vieira (1608-1697):

Oh se a gente preta tirada das brenhas da sua Etiópia, e passada ao Brasil, conhecera bem quanto deve a Deus, e a sua santíssima Mãe por este que pode parecer desterro, cativo, e desgraça, e não é senão milagre, e grande milagre!⁶

Com isso, justificavam-se os horrores do tráfico e apressamento dos africanos como fruto de uma tarefa superior, destinada a salvação religiosa. Considerados herdeiros de Cam- figura amaldiçoada segundo os cristãos- os negros deveriam aceitar seu destino inferiorizado se comparado até mesmo aos indígenas. Essa interpretação ganhou um importante agravante quando, nos finais do século XVI, atendendo à orientação da bula papal de 1537⁷, o rei de Portugal determinou o fim da escravidão dos nativos, enquanto nada foi falado em relação aos negros.

⁴ Os conceitos de *choque da conquista* e *mestiçagem* foram discutidos pelo historiador francês Serge Gruzinski na obra *O pensamento mestiço*. Ver GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

⁵ Cf. Gândavo, Pero de Magalhães de. *Histoire de la province de Santa Cruz que nous nommons le Brésil*, Nantes, Le Passeur, 1995, p. 90 apud FILHO, Alípio de Souza. *O Brasil e os brasileiros em relatos de viajantes - ou representações depreciativas do mestiço e das mestiçagens brasileiras na pena de viajantes estrangeiros entre os séculos XVI e XIX*. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/alipiosousa/index_arquivos/ARTIGOS%20ACADEMICOS/ARTIGOS_PDF/A%20cultura%20brasileira%20em%20diarios%20de%20viajantes.pdf> , acesso em 12 de dezembro de 2017

⁶ VIEIRA, Padre Antônio. Sermão XIV. Apud: ALENCASTRO, Luiz Felipe de, "O Trato dos Viventes". São Paulo: Companhia das Letras, 2000

⁷ A bula *Sublimis Deus*, lançada pelo Papa Paulo III em 1537 encontra-se disponível em <<https://www.wdl.org/pt/item/2965/view/1/1/>> , acesso em 14 de dezembro de 2017

De acordo com o imaginário escravista, cabia a esse grupo étnico servir como mão de obra barata e obediente, desprovida de interesses particulares e disposta a aceitar a fé católica. Com raras exceções, essa foi a visão dominante entre os séculos XVI e XIX, quando a escravidão foi extinta oficialmente no Brasil, um dos últimos países no continente a tomar tal medida⁸. Nesse momento, o negro deixou de ser escravo e passou à condição de trabalhador pobre e abandonado à sua própria sorte, o que acabou por corroborar novas teorias de cunho racial.

Nem mesmo Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906)⁹, um dos primeiros autores a dedicar-se especificamente ao estudo da presença negra no Brasil, conseguiu fugir aos estereótipos racistas. Tendo como base a medicina legal, e especialmente a perspectiva criminalista desenvolvida pelo italiano Cesare Lombroso (1835-1909), o intelectual maranhense desenvolveu uma análise cujo cerne era a diferenciação entre as raças superiores (brancas) e as inferiores (negra, indígenas e mestiças), sendo essas últimas mais propensas ao crime e outras patologias¹⁰. No entanto, sua obra foi fundamental para o desenvolvimento de novas abordagens sobre o tema.

Da Escola Nina Rodrigues, como ficou conhecida, surgiram intelectuais destacados, a exemplo de Anísio Teixeira (1900-1971), Afrânio Peixoto (1876-1947), Arthur Ramos e Édison Carneiro. Para este trabalho, interessa debruçar-se somente sobre a obra desses dois últimos autores, dada a sua importância para o combate às interpretações hegemônicas sobre o negro no período em que produziram.

Arthur Ramos, em particular, tem uma trajetória profissional bastante parecida com a de Nina Rodrigues, considerado por ele próprio sua primeira influência intelectual. Nascido em 1903, em Pilar, localizado no estado de Alagoas, Ramos também se formou em medicina pela Universidade Federal da Bahia, local onde começou seus estudos de medicina legal e psiquiatria, baseando-se nas obras de Sigmund Freud e do sociólogo Levy-Bruhl (1857-1939). A proximidade com o psicanalista alemão pode ser mensurada pela enorme quantidade de correspondências trocadas no período¹¹, sendo de

⁸ Escravidão africana foi abolida em 1888, com a promulgação da Lei Áurea.

⁹ Raimundo Nina Rodrigues nasceu em 4 de dezembro de 1862, na cidade de Vargem Grande, no Maranhão. Formado em medicina pela Universidade Federal da Bahia, o autor se destacou no campo da medicina legal e também da psicologia e da antropologia criminal, cujas principais teorias centravam-se nos estudos sobre a presença negra, na crítica à mestiçagem e numa espécie de determinismo racial que, segundo o autor, garantia padrões de comportamento distintos entre brancos e não brancos.

¹⁰ Ver NINA RODRIGUES, Raimundo. As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil. Editora Guanabara. Disponível em: http://www.cairu.br/biblioteca/arquivos/Direito/As_raças_humanas_responsabilidade_penal_Brasil.pdf, acesso em 14 de dezembro de 2017.

¹¹ Ver anexo 1

fundamental importância para a escrita da tese de doutorado “Primitivo e Loucura”, defendida em 1926.

Da leitura das obras escritas por Nina Rodrigues, Ramos adquiriu o interesse pela antropologia, e em especial a realidade cultural brasileira, o estudo sobre os negros e das religiões afro-brasileiras. Todavia, ao contrário do seu predecessor, fundamentado pelas teorias científicas, o autor acercou-se da antropologia cultural, tal como estava sendo pensada por W.E.B. Du Bois (1868-1963). Sendo assim, se nos primeiros textos, como na obra *O negro brasileiro*¹², de 1934, é possível perceber ainda alguns aspectos do darwinismo social, com o tempo essa teoria passou a ser fortemente questionada por ele, uma vez que não a raça, mas a cultura seria responsável por determinar as condições de vida dos brasileiros. Com isso, Ramos contribuiu de maneira decisiva para o combate a uma incrustada herança racista no país, perpetrada desde os primórdios da colonização portuguesa, conforme demonstrado acima.

O autor colaborou ainda para a educação brasileira, no período em que esteve à frente do Departamento de Ortofrenia e Higiene Mental, para a sistematização das ciências sociais no país e para pesquisas no campo da psicologia, psiquiatria e da antropologia. Além disso, o amplo estudo desenvolvido acerca da cultura afro-brasileira lhe rendeu um convite para dirigir o Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, em 1949, trabalho este que não teve tempo de concluir devido a um grave problema de saúde que resultou na sua morte precoce no mesmo ano¹³.

O desejo ininterrupto por conhecer cada vez mais fez com que Arthur Ramos mantivesse contato com intelectuais contemporâneos das mais diferentes áreas do saber: Mario de Andrade (1893-1945), Jorge Amado (1912-2001), Levi Strauss (1908-2009), Victor Nunes leal (1914-1985) e Gustavo Capanema (1900-1985) são apenas alguns exemplos dentre um leque interminável¹⁴. Ramos promoveu ainda um amplo diálogo com os mais destacados pesquisadores dedicados à renovação dos estudos acerca da presença africana nas Américas. Autores como Melville Herskovits (1895-1963), Roger Bastide (1898-1974), Rudiger Bilden, Fernando Ortiz (1881-1969), Idelfonso Pereda

¹² A obra *O negro Brasileiro* encontra-se disponível em <<http://www.brasiliana.com.br/obras/o-negro-brasileiro-1-v-etnologia-religiosa/pagina/426>, acesso em 16 de dezembro de 2017.

¹³ Informações retiradas de Arquivo Arthur Ramos: inventário analítico. Disponível em <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/drg1111530.pdf, acesso em 16 de dezembro de 2017

¹⁴ Ver anexo II

Valdés (1899-1996), Édison Carneiro (1912-1972) e Gilberto Freyre (1900-1987) são presenças constantes nas correspondências trocadas entre a década de 1930 e 1940¹⁵.

Diante da impossibilidade de analisar toda a documentação disponível, este trabalho focou nas correspondências trocadas com Édison Carneiro, por motivos já relatados. Nascido em 1912, na cidade de Salvador, e formado em direito pela faculdade de direito do estado da Bahia, Carneiro despertou desde cedo um interesse pela cultura africana, especialmente as religiões, tornando-se um dos maiores especialistas no tema. Por meio do jornalismo, profissão que exerceu durante toda a vida, o autor promoveu uma aguerrida defesa da liberdade religiosa, bem como da cultura popular em geral. Em 1937, junto com outros intelectuais, Édison Carneiro organizou o II Congresso Afro-brasileiro, que reuniu os estudiosos mais destacados sobre o tema no país. Jornalista, poeta, folclorista e advogado, sua contribuição teórica ao país é, portanto, inegável¹⁶.

Após destacar a trajetória de ambos os autores analisados, faz-se necessário compreender o universo teórico no qual eles estavam inseridos no momento em que produziram suas análises. Essa premissa outorga centralidade à História Intelectual, no que tange à relação texto e contexto¹⁷. O que, em linhas gerais, consiste em contextualizar a produção teórica e em respeitar o vocabulário, as discussões e os conceitos disponíveis em determinada época. Nesse sentido, uma leitura adequada das obras de Arthur Ramos e Édison Carneiro deve ter em vista o debate racial desenvolvido ao longo dos finais do século XIX e primórdios do XX, bem como os projetos de nação em disputa. Com isso, de acordo com Quentin Skinner, evita-se o anacronismo¹⁸.

¹⁵ Ibid. Ver anexo III

¹⁶ Informações consultadas em Fundação Joaquim Nabuco, disponível em http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar_es/index.php?option=com_content&view=article&id=1318%3Aedison-carneiro&catid=40%3Aletra-e&Itemid=1, acesso em 17 de dezembro de 2017.

¹⁷ De acordo com Jorge Myers, a história intelectual consiste em um campo de fronteiras frouxas, permeáveis e incertas, voltada ao exame da produção doutra realizada por uma elite letrada a partir do contexto social e cultural ao qual ela estava inserida. Sendo assim, cabe ao historiador compreender como se deu a construção de ideias em determinada realidade histórica específica. MYERS, Jorge. Músicas distantes. Algumas notas sobre a história intelectual hoje: horizontes velhos e novos, perspectivas que se abrem. IN História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas. (org) Maria Elisa Noronha de Sá. – Rio de Janeiro, ed. PUC-Rio, 2016.

¹⁸ SKINNER, Quentin. Visões da política: sobre os métodos históricos. Algés: Diefel, 2005

A construção do racismo científico no século XIX

Com o advento da independência, conquistada ainda nas primeiras décadas do século XIX, os países americanos emergiram em um delicado dilema que, aos poucos, ganhou contornos intrinsecamente raciais: como alcançar o ideal de civilização defendido pelos europeus em um continente marcado pela mistura étnica? As elites políticas que herdaram o poder de espanhóis e portugueses,

Ansiosas por alcançar os ideais de civilização e progresso europeus, inspiraram-se em teorias racistas, desenvolvidas na Europa, para pensar esses projetos. Nessa perspectiva, em muitos momentos, buscou-se definir os que estariam dentro e os que estariam fora deles ¹⁹.

Não que essa posição racista fosse uma novidade na história americana, conforme já demonstrado na introdução, mas a particularidade do XIX foi um respaldo científico ao racismo²⁰. Discursos médicos, biológicos e até mesmo sociológicos contribuíram para legitimar a hierarquização étnica perpetrada até aquele momento. A partir de então, os brancos passaram a ser considerados superiores não mais por uma questão de poder, e sim por deterem as características biológicas adequadas, enquanto os demais eram associados à barbárie, selvageria, dentro outros adjetivos pejorativos.

Não por acaso esse foi um período de grande incentivo à experimentos científicos que corroborassem as teorias deterministas, sendo o mais conhecido deles a frenologia, desenvolvida pelo médico alemão Franz Joseph Gall (1758-1828)²¹. Acreditava-se que era possível definir a posição de cada indivíduo na sociedade a partir da sua cor, o que, conseqüentemente, refletia em padrões de comportamento.

No campo antropológico, essa perspectiva serviu como arcabouço teórico para a criminologia desenvolvida pelo italiano Cesare Lombroso. Na sua concepção, era possível definir um padrão de criminoso somente pela observação das características físicas e psíquicas do indivíduo²².

O grande ponto de inflexão para o debate racial da época foi a publicação do livro *A origem das espécies*, do inglês Charles Darwin (1809-1882), em 1859. Entre as

¹⁹ GOUVEIA, Regiane. *Enfermidade de um continente: a influência do racismo científico no pensamento político americano* (Alcides Arguedas e Francisco García Calderón).iN; ASCENO, João Gabriel da Silva ; CASTRO, Fernando Luiz Vale (org) *Raça: Trajetória de um conceito*. Rio de Janeiro, *Ponteio*, 2014.

²⁰ Ver SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

²¹ O cerne da frenologia era a medição do crânio dos indivíduos, buscando a partir disso definir níveis de inteligência distintos. Na concepção de Franz Gall, criador desse experimento, o tamanho do crânio era o bastante para determinar os aspectos morais de cada um.

²² Ver LOMBROSO, Cesare. *O Homem Delinqüente*. Editora ICONA. São Paulo, 2010

teses defendidas pelo autor destaca-se a ideia de que todas as espécies evoluem de um ancestral e que esse processo ocorre por meio de uma seleção natural, isto é, depende das condições de adaptabilidade. O que, por sua vez, significa que o mesmo é desigual, os mais adaptados tendem a apresentar maiores potencialidades²³. Focada exclusivamente nas espécies animais, esta teoria não demorou a ser apropriada por diversos estudiosos para explicar a dinâmica da sociedade. O mais conhecido deles foi Herbert Spencer (1820-1903), um admirador de Darwin e considerado o fundador do que convencionou-se chamar de darwinismo social.

O intelectual inglês defendia a máxima de que a humanidade estava dividida em níveis distintos de evolução. Nesse sentido, a larga distância entre os povos civilizados – os brancos europeus - e não civilizados, observada por ele, tinha uma causa natural, pautada pela noção de progresso - que pode ser entendido como um modelo de seleção natural aplicado aos homens²⁴. Quanto mais próximo dessa condição, maiores seriam as vantagens sobre as demais culturas. Essa concepção foi fundamental para justificar a supremacia europeia no século XIX, uma vez que os valores defendidos como progresso nada mais eram do que pressupostos forjados pelos próprios europeus.

No âmbito político, esse discurso serviu como importante ferramenta de legitimação do projeto imperialista empreendido em territórios da África e da Ásia, principalmente. Conforme revela Edward Said, para além das medidas políticas e das estratégias militares, os europeus contaram com um forte aparato ideológico, reproduzido entre os mais diversos campos do saber, a exemplo do romance literário²⁵.

Essa é praticamente a mesma opinião da filósofa alemã Hannah Arendt, em cujo livro *As origens do totalitarismo*, discute a relação entre o racismo e o imperialismo:

[O] imperialismo teria exigido a invenção do racismo como única explicação e justificativa de seus atos, mesmo que nunca houvesse existido uma ideologia racista no mundo civilizado. Mas como existiu, o racismo recebeu considerável substância teórica²⁶.

E completa:

²³ Consultado em BOLSANELLO, Maria Augusta. Darwinismo social, eugenia e racismo: sua repercussão na sociedade e na educação brasileira. Curitiba, Educar, nº12, p.153-165, 1996. Disponível em <http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/36031>, acesso em 18 de dezembro de 2017

²⁴ Consultado em SCHWARCZ, Lilia Moritz, 1993, op.cit.

²⁵ SAID, Edward. Cultura e imperialismo. Tradução Denise Bottmann — São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

²⁶ ARENDT, Hannah. As origens do totalitarismo. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p.214.

A raça foi uma tentativa de explicar a existência de seres humanos que ficavam à margem da compreensão dos europeus, e cujas formas e feições de tal forma assustavam e humilhavam os homens brancos, imigrantes ou conquistadores, que não desejavam mais pertencer à mesma comum espécie humana²⁷.

Essa perspectiva eurocêntrica é observada também em dois dos principais teóricos racialistas do século XIX, a saber, Ludwig Gumplowicz (1838-1909) e Gustave Le Bon (1841-1931). De acordo com o sociólogo polonês, o mundo configura-se em uma luta inexorável entre as raças, na qual as mais fortes visam a aniquilação das mais fracas. Sendo assim, hibridações tal como a mestiçagem são amplamente condenáveis, na medida em que permitem a sobrevivência das raças inferiores. Deve-se ter em vista, no entanto, que embora tenha como base o evolucionismo darwiniano, o autor expande a noção de raça:

A raça é uma unidade que, ao curso da história, se produziu no desenvolvimento social e por ele. Seus fatores iniciais [...] são intelectuais: a língua, a religião, o costume, o direito, a civilização, etc. Só mais tarde aparece o fator físico: a unidade de sangue²⁸.

Já Gustave Le Bon, na famigerada obra *Leis psicológicas da evolução dos povos*, de 1894, advoga em favor de uma distinção entre quatro raças- primitivas, inferiores, médias e superiores-, separadas por abismos intransponíveis. O critério para tal distinção seria as características psicológicas apresentadas por cada uma delas, responsável por fazer dos anglo-saxões a raça superior. Por essa razão, o autor também condenava a mestiçagem²⁹.

A consequência mais radical dessa perspectiva evolucionista que disseminou-se no período surgiu com a noção de eugenia, termo cunhado por Francis Galton (1822-1911) para pensar técnicas de melhoramento da humanidade. Essa proposta, na prática, consistia em uma ferramenta de seleção controlada artificialmente pelos próprios indivíduos. Na concepção desse autor,

As aptidões naturais de um homem são derivadas por hereditariedade (...) assim como é fácil obter por meio de cuidadosa seleção uma raça de cães ou cavalos dotada de capacidade peculiar para correr ou qualquer outra capacidade específica, seria também perfeitamente possível reproduzir uma

²⁷ Ibidem, p.215.

²⁸ GUMPLOWICZ, Ludwig. *La lutte de races. Recherches sociologiques*, Paris, 1893 apud DIANA, Marcelo. *Corpo em fusão em um futuro remoto: uma interpretação sobre o conceito de raça em Os sertões* de Euclides da Cunha. In ASCENSO, João Gabriel da Silva; CASTRO, Fernando Luiz Vale (org), 2014 op, cit.

²⁹ Consultado em GOUVEIA, Regiane, 2014, op, cit.

raça de homens altamente dotada promovendo casamentos criteriosos ao longo de várias gerações consecutivas³⁰.

Ou seja, Galton acreditava que as características humanas desejáveis eram passíveis de transmissão hereditária. Para tal, além dos casamentos, medidas de esterilização, políticas de segregação racial e a defesa de tipos ideais de indivíduos foram amplamente disseminadas no período³¹.

Na América Latina, o debate racial apresentado acima constituiu o pano de fundo dos projetos de identidade nacionais desenvolvidos ao longo do século XIX. Para a grande maioria dos intelectuais dedicados ao tema, os aspectos negativos ligados à raça mestiça - formada pelo contato entre europeus, nativos e africanos - estava no cerne dos problemas enfrentados pelo continente até aquele momento. Como solução, alguns autores propunham a eliminação da mestiçagem, enquanto outros defendiam seus benefícios pelo viés da eugenia, tal como pode ser observado:

Entre as principais estratégias traçadas, na época, com o intuito de promover uma limpeza racial no continente, a médio e longo prazo, estava a importação de imigrantes europeus e o retorno dos descendentes de africanos à África. Procurou-se impedir, também, a vinda de imigrantes oriundos de lugares associados à barbárie e ao atraso, como, por exemplo, a China³².

Todavia, quando as ideias racialistas penetraram nas Américas já não dispunham da originalidade pensada pelos europeus, uma vez que era improvável reverter os quase três séculos de intercâmbio étnico e cultural promovido durante a colonização³³. Essa é uma das razões para que o escritor argentino Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) descreditasse no futuro do continente.

Em *Conflictos y armonías de las razas en América*, publicado em 1883, o autor elaborou um diagnóstico bastante pessimista com relação à realidade latino-americana. De acordo com Alessandra Seixlack, que dedicou-se com maior cuidado à análise dessa obra, o Sarmiento que escreveu esse livro difere bastante daquele do *Facundo o civilización y barbárie* (1845), quando ele ainda enxergava soluções para a situação de

³⁰ GALTON, Francis. *Hereditary Genius*. Londres, Julyan Friedmann, 1979 apud SILVA, Edson Pereira; TEIXEIRA, Izabel Mello. História da eugenia e ensino de genética. História da ciência e ensino, v.15, p.63-80. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/hcensino/article/viewFile/28063/22596>, acesso em 20 de dezembro de 2017.

³¹ *Ibidem*.

³² GOUVEIA, Regiane, 2014, op, cit, p.27.

³³ De acordo com Lília Schwarcz, as teorias racialistas europeias foram adaptadas pelos intelectuais americanos para dar conta da realidade racial do continente. Consultado em <http://revistapesquisa.fapesp.br/2007/04/01/quase-pretos-quase-brancos/>, acesso em 20 de dezembro de 2017.

atras em que encontrava-se a América³⁴. Influenciado pelos pressupostos do darwinismo social, o autor duvidava que, em algum dia, as raças inferiores iriam alcançar os brancos saxões. Essa era uma condição irreversível e a América Latina já estava condenada.

Outros dois intelectuais argentinos, Carlos Octavio Bunge (1875-1918) e José Ingenieros (1877-1925)³⁵ desenvolveram teorias racistas em consonância com a de Sarmiento. Para Bunge, por exemplo, nem mesmo o contato com raças superiores era capaz de tirar as inferiores da condição de barbárie³⁶. Na Bolívia, essas ideias pessimistas foram encampadas por Alcides Arguedas (1879-1946). Na sua concepção, o motivo do atraso boliviano perante as outras nações estava relacionado à mestiçagem, como constatado a seguir:

Es la sangre mestiza la que ha concluido por desalojar a la otra y ahora se revela en todas esas manifestaciones bajas y egoístas, que son el signo patente de la triste actualidad boliviana, y de este Pueblo enfermo, hoy más enfermo que nunca³⁷.

De acordo com Regiane Gouveia, esse pensamento também norteou a obra *Las democracias latinas de América*, de 1912, escrita pelo intelectual peruano Francisco Garcia Calderón (1834-1905). Nela,

O autor atribuía as dificuldades que cercavam a América Latina à complexidade das raças e à mestiçagem entre vários sangues. De acordo com ele, haveria uma relação entre o crescimento da riqueza e a consolidação da ordem interna em países como Argentina, Chile e o Uruguai, onde o número de negros era menor em função do intenso fluxo migratório europeu. Já em Cuba, Santo Domingo e alguns lugares do Brasil, países em que os descendentes de africanos eram os grupos numericamente mais expressivos, as desordens prevaleciam³⁸.

³⁴ SEIXLACK, Alessandra Gonzalez de Carvalho. Discursos políticos sobre a raça indígena na Argentina: Domingo Faustino Sarmiento e o conflito das raças na América. IN ASCENSO, João Gabriel da Silva; CASTRO, Fernando Luiz Vale (org), 2014 op, cit. Ver SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo, Ou Civilização e Barbarie*. Cosac y Naify, 1ª ed, 2010.

³⁵ José Ingenieros nasceu na cidade de Palermo, na Itália, mas radicou-se na Argentina.

³⁶ Ver BUNGE, Carlos Octavio. *Nuestra América: ensayo de psicología social*. 6ª ed. La cultura argentina. Disponível em <https://archive.org/details/nuestraamricae00bunquoft>, acesso em 22 de dezembro de 2017

³⁷ ARGUEDAS, Alcides. *Raza de bronce*. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 2006, apud ³⁷ GOUVEIA, Regiane, 2014, op, cit, p. 31.

³⁸ *Ibidem*, p.33

Por fim, no Brasil, país que mais recebeu escravos oriundos do continente africano³⁹, as teorias racistas difundidas no período penetraram nos meios acadêmicos com grande aceitação, tendo reflexos também na literatura e nos discursos médicos. Essa posição praticamente hegemônica justifica-se, dentre outros motivos, pelo desejo de superar os males da escravidão por meio da eliminação da influência africana no país.

Tal como nos demais países da região, a problemática da mestiçagem dividiu a intelectualidade brasileira entre aqueles que a condenavam fortemente devido ao seu potencial corrosivo e os que viam nela uma forma de regeneração racial da qual poderia surgir uma raça superior, embranquecida⁴⁰.

No entanto, a singularidade do caso brasileiro, segundo Lilia Schwarcz, foi que o racismo sempre manifestou-se de maneira latente, nas entrelinhas dos textos publicados ao longo do século XIX e XX. Mesmo durante os debates mais acalorados em torno da libertação dos escravos, ainda havia quem defendesse que as três raças- brancos, nativos e negros- viviam de maneira harmônica naquele território, o que, evidentemente, não era verdade⁴¹.

Com o fim da escravidão, em 1888, essas teorias racistas ganharam ainda mais força. Para a geração de 1870, absolutamente pautada pelos valores do positivismo e do darwinismo social, era urgente pensar estratégias para potencializar o elemento branco no país em detrimento dos demais. O que, para os negros, significou que a liberdade conquistada à duras penas viria acompanhada de novos ataques à sua sobrevivência⁴².

Para autores como Silvio Romero (1851- 1914) e Oliveira Vianna (1883-1951), por exemplo, a única forma de resolver os problemas relacionados à raça no Brasil era por meio do cruzamento eugênico, entre brancos e não brancos. Em substituição aos negros escravizados, imigrantes europeus deveriam ser atraído ao país, fato que equacionava também a questão da mão de obra. De acordo com o prognóstico elaborado por Romero,

Dentro de dois ou três séculos a fusão étnica estará talvez completa e o brasileiro mestiço bem característico [...] o branco, o autor inconsciente de

³⁹ De acordo com o historiador Manolo Florentino, dos quase 10 milhões que chegaram à América entre os séculos XVI e XIX como escravos, cerca de 6 milhões ingressaram no Brasil. Ver FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras Uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. São Paulo, Editora UNESP, 1ª ed., 1995.

⁴⁰ Schwarcz, Lilia K. Moritz. Usos e abusos da mestiçagem e da raça no Brasil: uma história das teorias raciais em finais do século XIX. *Afro- Ásia*, v.18, 1996, p. 77-101.

⁴¹ *Ibidem*, P.87

⁴² Sobre a geração de 1870, ver SCHWACZ, 1996, *op.cit.*

tanta desgraça, tirou o que pôde de vermelhos e negros e atirou-os fora como coisas inúteis Foi sempre ajudado neste empenho pelo mestiço, seu filho e seu auxiliar, que acabará por suplantá-lo, tomando-lhe a cor e a preponderância⁴³.

O interessante dessa citação é que ela externa uma posição dúbia bastante discutida pelo autor em suas obras: a de que o Brasil é substancialmente um povo mestiço, embora isso não signifique uma igualdade natural entre as raças, mas o contrário. Os brancos sempre se justapõem aos demais.

O mestiço é o produto fisiológico, étnico e histórico do Brasil; é a forma nova de nossa diferenciação nacional. Não quero dizer que constituiremos uma nação de mulatos, pois a forma branca prevalece e prevalecerá. quero dizer apenas que o europeu aliou-se aqui a outras raças, e desta união saiu o genuíno brasileiro, aquele que não se confunde mais com o português e sobre o qual repousa nosso futuro⁴⁴.

Essa visão é similar à desenvolvida por Oliveira Vianna, que, todavia, defende que nem todos os mestiços são dotados de características civilizatórias. Por esse motivo, o autor os divide-os entre superiores e inferiores, sendo o primeiro produto de uma mistura com os europeus e o segundo com os índios ou negros.

Os que negam o valor dos nossos mestiços, como os que afirmam a sua superioridade, falseiam a verdade, porque a veem unilateralmente: os nossos mestiços nem são todos absolutamente inferiores, nem todos absolutamente superiores. Há entre nós, mestiços superiores e mestiços inferiores⁴⁵

Uma vertente menos otimista com relação à mestiçagem formou-se por aqueles que temiam pela degeneração definitiva dos brancos ao estimular novas misturas com raças consideradas incivilizáveis. Entre aqueles que defendiam tal posição, o maior destaque, sem dúvidas, foi Nina Rodrigues, para quem a particularidade da cultura negra deveria ser respeitada, mas não incorporada, uma vez que representava um risco evidente aos brancos.

⁴³ ROMERO, Sílvio. Introdução à doutrina contra doutrina. São Paulo, Companhia das Letras, 2001 apud COSTA, Jean Carlos de Carvalho. Sílvio Romero e a “idéia das três raças”: uma hermenêutica do nacional a partir da categoria miscigenação. Revista Cronos, v.7, nº1, 2006, p.135-149. Disponível em <file:///E:/Users/Usuario/Downloads/3193-7434-1-PB.pdf>, acesso em 22 de dezembro de 2017

⁴⁴ ROMERO, Sílvio. Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992 apud SCHNEIDER, Alberto Luiz. O Brasil de Sílvio Romero: uma leitura da população brasileira no final do século XIX.

⁴⁵ VIANNA, Oliveira. Evolução do Povo Brasileiro. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1956. apud SANTOS, Ricardo Augusto. Oliveira Vianna, Eugenia e o Campo Intelectual da Primeira República. Disponível em <http://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/Mesas/mesa5-Ricardo.pdf>, acesso em 23 de dezembro de 2017

Os negros africanos são o que são: nem melhores nem piores que os brancos: simplesmente eles pertencem a uma outra fase do desenvolvimento intelectual e moral. Essas populações infantis não puderam chegar a uma mentalidade muito adiantada e para esta lentidão de evolução tem havido causas complexas. [...] Entretanto, o que se pode garantir com experiência adquirida, é que pretender impor a um povo negro a civilização europeia é uma pura aberração⁴⁶

De acordo com Fernando Castro, a questão racial foi igualmente alvo de preocupação por parte da Academia Imperial de Medicina, ligada à Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. As ideias dessa instituição eram publicadas no periódico *Annaes Brasiliense de Medicina*⁴⁷, onde é possível apreender duas fases: a primeira, que vai até meados da década de 1870, a mestiçagem é amplamente condenada, enquanto, a partir da década de 1880, observa-se uma progressiva relativização, tendo em vista que esse “processo poderia propiciar mudanças na formação social brasileira e, conseqüentemente, uma melhora na saúde da população, por meio de uma espécie de purificação.”⁴⁸.

A nova dimensão da identidade americanista surgiu somente nos primórdios do século XX com a publicação do livro *Ariel*, do uruguaio José Enrique Rodó (1871-1917), em 1900. Na obra, dedicada à juventude latino-americana, o autor postula que a América Latina é dotada de características culturais próprias, que se contrapunham à cultura anglo-saxã, de grande admiração dos intelectuais americanos da época. Em que pese o teor conservador da narrativa, as ideias defendidas por Rodó representaram o limiar do pensamento latino-americanista.

O argumento foi corroborado pelo aumento de manifestações contrárias às intervenções estadunidenses nos países da América Central durante o período de vigência do chamado *Big Stick* ou corolário Roosevelt⁴⁹. As intervenções em Cuba,

⁴⁶ Rodrigues, R. N. *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*. Salvador: Livraria Progresso, 1957 apud RODRIGUES, Marcela Franzen. *Raça e criminalidade na obra de Nina Rodrigues: Uma história psicossocial dos estudos raciais no Brasil do final do século XIX*. Estudos e pesquisas em psicologia, v.15, n°3, 2015.

⁴⁷ De acordo com Fernando Castro, esse nome foi cunhado somente em 1849. Antes dele circulou o *Seminário de Saúde Pública*, entre 1831 e 1833; a *Revista Médica Fluminense*, entre 1835 e 1841; a *Revista Médica Brasileira*, de 1841 a 1845 e a *revista Annaes de Medicina Brasiliense*, de 1845 a 1849. Consultado em CASTRO, Fernando Luiz Vale. O conceito de raça no discurso médico brasileiro: uma análise dos annaes brasiliense de medicina(1850-1885) iN ASCENSO, João Gabriel da Silva; CASTRO, Fernando Luiz Vale (org), 2014 op, cit.

⁴⁸ *Ibidem*, p.49.

⁴⁹ A política do Big Stick perdurou durante o mandato do presidente estadunidense Theodore Roosevelt, entre 1901 e 1909. Em resumo, a estratégia baseava-se na expansão de mercado, bem como de influência

Panamá, Guatemala, dentre outros locais, foram muito mal vistas pelos vizinhos do sul, temerosos com os efeitos que o expansionismo norte-americano poderia causar na região⁵⁰.

A mudança do paradigma cultural provocou uma releitura da mestiçagem, bem como do papel dos povos indígenas e africanos para a formação das identidades nacionais latino-americanas. Nesse sentido, são de grande relevância os conceitos de *raza cósmica*, cunhado pelo mexicano José Vasconcelos (1882-1959), e de *transculturação*, do cubano Fernando Ortiz (1881-1969). Se para os defensores do evolucionismo, a mestiçagem era apenas uma ferramenta utilitária com fins eugênicos, para a nova abordagem ela configura-se como a base do americanismo.

Sendo assim, o que Vasconcelos chama de *raza cósmica* é, em sua essência, a fusão das quatro raças que formam a América, a saber, a negra africana, a índia, a asiática e a branca.

Mas é necessário fazer uma advertência: o processo de mestiçagem, para Vasconcelos, longe de ser puramente biológico, é, sobretudo, um processo espiritual. O que está se misturando não é apenas o sangue de elementos raciais diferentes, mas o seu espírito, seus atributos transcendentais⁵¹.

Já a obra de Fernando Ortiz se assemelha à de Arthur Ramos. Formado no dogmatismo positivista, o intelectual cubano mudou radicalmente seu ponto de vista. Conforme revela Jorge Myers⁵², a partir de meados da década de 1910, o autor abandonou os pressupostos racistas em favor de uma perspectiva que privilegiava a dimensão do encontro de culturas. Posição essa que representa a síntese do conceito de *transculturação*.

Para Fernando Castro, Ortiz cunhou o termo como forma de confrontar a noção de *aculturação*, entendida por ele como um processo passivo de *assimilação cultural*⁵³. Na opinião desse autor, o termo

política, por meio de intervenções diretas em países da América Latina. Com isso, os Estados Unidos visava garantir o controle da região.

⁵⁰Consultado em AYERBE, Luis Fernando. Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia. São Paulo, Editora UNESP, 2002, p. 45-54.

⁵¹ ASCENSO, João Gabriel da Silva. A redenção cósmica do mestiço: inversão semântica do conceito de raça na *Raza Cósmica* de José Vasconcelos. iN ASCENSO, João Gabriel da Silva; CASTRO, Fernando Luiz Vale (org), 2014 op, cit

⁵² MYERS, Jorge. La obra de historia cultural de Fernando Ortiz: una interpretación del legado cultural americano en la encrucijada de Europa y África o una “AtlanticHistory” avant la lettre. XVII Congreso de AHILA, Berlín, 2014

⁵³ CASTRO, Fernando Luiz Vale. Raça no pensamento do intelectual cubano Fernando Ortiz. XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, 2015. Disponível em http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427767958_ARQUIVO_ANPUHTEXTOCOMPLETOFERNANDOCASTRO.pdf, acesso em 26 de dezembro de 2017.

expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura a outra, porque essa não consiste apenas em adquirir uma nova e diferente cultura, que é a rigor apontado pela voz inglesa de aculturação, mas que o processo implica também necessariamente a perda ou o desprendimento de uma cultura precedente, o que poderia chamar-se de desculturação e também significa a conseqüente criação de novos fenômenos culturais, que poderiam ser denominados de neoculturação⁵⁴.

No cenário intelectual brasileiro, essas novas ideias ganharam diversos adeptos, sendo os mais destacados deles Gilberto Freyre, Arthur Ramos e Édison Carneiro. Evidentemente, esses autores também sofreram grande influência dos estudos que estavam sendo desenvolvidos nos Estados Unidos por Franz Boas e W.E.B. Du Bois, no que tange à Antropologia Cultural.

Partindo desses pressupostos teóricos, esses autores protagonizaram um grande esforço para renovar as pesquisas acerca da presença africana no Brasil. Ao invés das tradicionais análises focadas na questão racial, abriu-se as portas para estudos sobre aspectos culturais, tal como a religião, da qual Carneiro tornou-se um dos grandes especialistas. Como consequência, emergiu um campo específico das ciências sociais dedicado ao tema.

As correspondências trocadas entre Arthur Ramos e Édison Carneiro

Quando Édison Carneiro iniciou seus estudos acerca da cultura afro-brasileira, em meados da década de 1930, Arthur Ramos já era considerado uma das principais autoridades no tema. Essa posição desigual culminou em uma das mais valorosas redes de colaboração intelectual, conforme pode ser observado pelas correspondências trocadas no período.

No total, foram analisadas 71 correspondências, sendo 49 enviadas por Édison Carneiro à Arthur Ramos, apenas 7 deste último para o primeiro⁵⁵ e 15 envolvendo terceiros, mas que remetem a um dos autores pesquisados. As cartas estão distribuídas entre 1935 e 1941, que é um momento de grande efervescência para os estudos sobre o negro no Brasil, seja pela publicação de grandes obras, seja pela organização de eventos acadêmicos importantes.

⁵⁴ Ortiz, Fernando. Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar apud CASTRO, Fernando, 2015, op,cit.

⁵⁵ A disparidade entre as cartas enviadas e recebidas por Arthur Ramos à Édison Carneiro devem-se à causas diversas e se repetem com relação à outros autores. Cabe destacar que todas as correspondências que envolvem esses autores foram analisadas.

Em 1933, como primeiro passo para a renovação das pesquisas sobre essa temática, Gilberto Freyre publicou *Casa-Grande e Senzala*⁵⁶, de repercussão instantânea entre os estudiosos. Na obra, o autor ressignifica os principais aspectos das relações escravistas tecidas no Brasil e pela primeira vez valoriza a mestiçagem como elemento constitutivo da identidade nacional.

Dois anos mais tarde, o próprio Freyre junto a outros diversos intelectuais, como Arthur Ramos, elaboraram o *Manifesto Contra o Preconceito Racial*, cujo conteúdo alertava para os riscos do racismo em um país fortemente miscigenado. Essa foi mais uma tentativa de valorização da contribuição africana, que contou também com a organização de dois congressos afro-brasileiros. O primeiro deles ocorreu na cidade de Recife, em 1934, e pautou-se, em grande medida, nas formulações desenvolvidas pelo seu principal idealizador, Gilberto Freyre.

Além disso, o 1º CAB teve a participação de artistas e intelectuais renomados no país, como é o caso dos pintores Cícero Dias, Noemia e Di Cavalcante, do maestro Ernani Braga, dos escritores José Lins do Rego, Mario de Andrade e Jorge Amado, do fonclorista Câmara Cascudo, do antropológico Roquette-Pinto, do psiquiatra Arthur Ramos e do etnólogo Edson Carneiro. A participação internacional ficou por conta do antropólogo americano Melville J. Herskovits que enviou dois textos ao congresso⁵⁷.

Além de intelectuais, o evento contou com a participação de populares, representantes das religiões de matriz africana e estudantes, participações essas que foram ainda mais destacadas no segundo congresso, organizado em Salvador, em 1937. Dessa vez, o principal idealizador foi Édison Carneiro. Grandes personalidades acadêmicas e religiosas, como Mãe Aninha⁵⁸ - uma das principais representantes do candomblé na Bahia - também se fizeram presentes. Como fruto desse encontro, nasceu a União das Seitas Afro-Brasileiras da Bahia.

Nesse cenário, indubitavelmente, as obras publicadas por Édison Carneiro e Arthur Ramos tiveram reconhecida notoriedade. Carneiro é autor de *Religiões Negras*, de 1936, *Negros Bantus*, de 1937, bem como de outros livros escritos na década de 1940. O autor dedicou boa parte da carreira ao estudo do folclore nacional e, em

⁵⁶ Ver FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*. Global, 9ªed. , 2012.

⁵⁷ SKOLAUDE, Mateus Silva. *Identidade nacional e historicidade: o 1º Congresso Afro-brasileiro de 1934*. XII Encontro Estadual de História da AMPUH/RS, 2014. Disponível em http://www.eeh2014.anpuh-rs.org.br/resources/anais/30/1404752235_ARQUIVO_Texto-MateusSilvaSkolaude.pdf, acesso em 3 de janeiro de 2018.

⁵⁸ Eugenia Ana Santos (1869-1938), também conhecida como Mãe Aninha, é considerada uma das grandes personalidades ligadas à defesa do Candomblé na Bahia. Mãe Aninha é a fundadora do importante do terreiro de candomblé Ilê Axé Opô Afonjá, na Bahia e depois no Rio de Janeiro.

especial, das religiões africanas, tornando-se um dos grandes especialistas nessas áreas. Já Arthur Ramos transitou entre várias perspectivas teóricas, que incidem diretamente sobre o conteúdo dos seus livros. Ramos publicou sua primeira grande obra sobre os negros em 1932, com *Os horizontes místicos do negro da Bahia*, mas foi a partir de *O negro brasileiro*, escrito em 1934, que o autor ganhou projeção nacional e até mesmo internacional no campo das relações raciais⁵⁹. Desde então, passou a ser requisitado para ministrar conferências, participar de eventos, dentre outras atribuições. Outra obra de destaque é *As culturas negras no Novo Mundo*, de 1937, tida como fundamental por autores latino-americanos que se dedicaram ao tema em seus respectivos países⁶⁰.

Para além das obras, as correspondências trocadas por Ramos e Édison Carneiro nesse período constitui um material riquíssimo, uma vez que possibilitam apreender em pormenores as dinâmicas intelectuais da época, bem como as tensões que envolveram a consolidação das novas abordagens sobre os negros.

Dada a farta documentação, optou-se por dividir a análise em três eixos: 1) bibliográfico, o que pressupõe um intercâmbio material e de ideias 2) convites para a participação em eventos ou revistas acadêmicas ligadas ao campo das relações raciais e 3) assuntos pessoais. Dentre os temas mais recorrentes, destacam-se a organização do II Congresso afro-brasileiro, presente em 10 correspondências e a divulgação dos livros de Édison Carneiro.

Outros assuntos que aparecem apenas de relance, mas que possuem uma importância singular para a pesquisa são os pedidos de orientação acadêmica de dois antropólogos, Ruth Landes (1908-1991) e Lorenzo Dow Turner (1890-1972), feito por Ramos à Carneiro⁶¹, fato que o confere uma autoridade intelectual indiscutível, e a defesa da liberdade religiosa empreendida também pelo pesquisador baiano. Em 19 de julho de 1937, Carneiro escreveu à Arthur Ramos para comunicar sobre seus esforços

⁵⁹ A obra *O negro brasileiro* foi escrita em 1934 e reescrita em 1940, por Arthur Ramos, em razão de mudanças na abordagem. Se em 1934 as ideias racistas de Nina Rodrigues ainda são determinantes, em 1940, o autor mostra-se totalmente adepto aos pressupostos da Antropologia Cultural.

⁶⁰ Consultado em TAMANO, Luana Tiek Omena. O pensamento e atuação de Arthur Ramos frente ao racismo nos decênios de 1930 e 1940. Disponível em <http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/attachments/article/189/O%20PENSAMENTO%20E%20ATUA%20C3%87%20C3%83O%20DE%20ARTHUR%20RAMOS%20FRENTE%20AO%20RACISMO%20NO%20DEC%20C3%84NIOS%20DE%201930%20E%201940.pdf>, acesso em 04 de janeiro de 2018. Algumas obras de Arthur Ramos encontram-se disponíveis para consulta na Biblioteca Nacional

⁶¹ Carta enviada por Arthur Ramos em 1 de agosto de 1938, quanto à Ruth Landes, e 29 de julho de 1940, quanto à Lorenzo Turner. Disponíveis no Arquivo Arthur Ramos da Fundação Biblioteca Nacional

junto ao Conselho Africano da Bahia para obter o direito de liberdade religiosa para os negros⁶².

No entanto, se por um lado é evidente a ajuda proferida por Carneiro à Arthur Ramos por meio das orientações solicitadas, por outro o intelectual alagoano mostra-se bastante dedicado à divulgação das obras do seu companheiro. Entre 1936 e 1939, uma parcela das cartas enviadas a pesquisadores como Melville Herskovits, Louis Prince Mars e Fernando Ortiz, tinham como fim a divulgação dos livros *Negros Bantus* e *Religiões Negras*, bem como a defesa de Carneiro das críticas sofridas por conta desse último⁶³.

As redes de colaboração se estenderam ainda aos convites recorrentes para a publicação de artigos em revistas e/jornais acadêmicos e para a participação em eventos. Em 16 de junho de 1937, por exemplo, Édison Carneiro escreveu à Ramos para convidá-lo a redigir um artigo para a revista *Flamma*, periódico do qual ele contribuiu como editor. No mesmo ano ele já o havia convidado a escrever para a revista *Pallas* e um ano depois para o jornal *Letras*⁶⁴. As solicitações quanto à presença de Arthur Ramos nos eventos ocorridos nesse período seguem a mesma tônica. Em que pese o II Congresso afro-brasileiro ser a principal delas, conforme já assinalado anteriormente, há também convites para o Congresso de Escritores, organizado em Belo Horizonte, e o Conselho Africano da Bahia.

A grande quantidade de convites recebidos por Arthur Ramos, igualmente comuns a outros intelectuais com quem ele manteve contato, dá conta da dimensão alcançada por esse autor no campo dos estudos afro-americanos. Tal como Édison Carneiro, Rudiger Bilden, Roger Bastide e demais intelectuais ressaltam, em suas correspondências, as qualidades acadêmicas de Ramos. Um bom exemplo disso é a carta enviada por Bastide em 20 de julho de 1938, quando ele pede que alagoano seja seu orientador durante as pesquisas acerca dos negros no Brasil⁶⁵.

Tendo em vista esse conhecimento, Édison Carneiro solicitou constantemente que algumas das suas publicações fossem revisadas por Arthur Ramos, que, por sua vez, pediu o mesmo ao intelectual baiano. Essa era uma estratégia para evitar erros de grafia

⁶² Ver anexo IV.

⁶³ Ver cartas enviadas por Arthur Ramos em 1 de dezembro de 1936 à Melville Herskovits e Louis Prince Mars e a carta enviada à Fernando Ortiz em 1938 disponíveis no Arquivo Arthur Ramos da Fundação Biblioteca Nacional.

⁶⁴ Ver cartas enviados por Édison Carneiro à Arthur Ramos em 16 de junho de 1937 e 24 de agosto de 1938. Disponível no Arquivo Arthur Ramos da Fundação Biblioteca Nacional. Ver anexo 5.

⁶⁵ Consultado em Arquivo Arthur Ramos.

e/ou de conteúdo que pudessem gerar críticas negativas por parte dos leitores, conforme o próprio Ramos descreve em uma correspondência. Essa postura revela ainda que as relações entre ambos transcenderam a esfera profissional.

A hipótese de que Ramos e Édison Carneiro mantiveram laços de amizade é corroborada pela troca de informações de cunho pessoal em algumas correspondências, como na carta em que Ramos noticiou a morte do seu pai⁶⁶ ou na que Carneiro comunicou o nascimento do seu filho⁶⁷. Opiniões pessoais sobre assuntos ligados aos seus objetos de estudo também são corriqueiras.

Considerações finais

As contribuições de Arthur Ramos e Édison Carneiro devem ser pensadas à luz do discurso racial constituído desde as primeiras décadas da chegada dos portugueses no que hoje conhecemos como Brasil. De acordo com o imaginário colonial, a conquista dos brancos europeus pressupunha a invenção do outro inferiorizado, tal como bem demonstrou Todorov. Essa perspectiva fez com que negros e nativos assumissem uma posição subalterna na sociedade, que perpetuou-se ao longo dos séculos por meio de discursos com forte carga depreciativa.

A partir do século XIX, com o advento das teorias científicas, o racismo ganhou novas justificativas. Já não era mais necessário atribuir a superioridade dos brancos à razões religiosas ou políticas, e sim às características biológicas. Tamanho do crânio, altura, e especialmente a cor da pele configuraram-se, então, como aspectos fundamentais para definir padrões de comportamento de cada indivíduo. Dessa corrente surgiu a eugenia, mecanismo imaginado por Francis Galton para garantir a sobrevivência das raças consideradas superiores.

Essas teorias são a base do imperialismo europeu, mas, inegavelmente, também exerceram enorme influência nos projetos de identidade nacional desenvolvidos no continente americano. Autores como Sarmiento, Alcides Arguedas, Oliveira Vianna, dentre tantos outros, pautaram-se nos pressupostos do darwinismo social. No entanto, se para os europeus, as raças não-brancas deveriam ser progressivamente eliminadas, o mesmo era praticamente inviável nas Américas, fato que outorga centralidade à acalorados debates acerca dos usos da mestiçagem.

⁶⁶ Ibidem, sem data.

⁶⁷ Ibidem, 8 de maio de 1945.

O novo paradigma americanista consolidou-se somente no início do século XX, quando autores como Rodó, e, depois, Fernando Ortiz e José de Vasconcelos passaram a construir um pensamento latino-americanista autônomo. Como consequência, o papel dos negros e nativos são ressignificados e a mestiçagem alçada à raiz da identidade americana. Essa abordagem vinha em encontro com os estudos desenvolvidos nos Estados Unidos por uma emergente Antropologia Cultural. É nesse contexto intelectual que insere-se as obras de Arthur Ramos e Édison Carneiro.

Os autores se notabilizaram por uma postura de combate ao racismo constituído no Brasil. Para tal, além das obras publicadas, eles contaram com outras estratégias, desveladas por meio das correspondências trocadas entre as décadas de 1930 e 1940, objeto de análise desse trabalho.

Referencias bibliográficas

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **"O Trato dos Viventes"**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000
- ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989
- ASCENO, João Gabriel da Silva; CASTRO, Fernando Luiz Vale (org) **Raça: Trajetória de um conceito**. Rio de Janeiro, *Ponteio*, 2014.
- AYERBE, Luis Fernando. **Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia**. São Paulo, Editora UNESP, 2002, p. 45-54
- BOLSANELLO, Maria Augusta. **Darwinismo social, eugenia e racismo: sua repercussão na sociedade e na educação brasileira**. Curitiba, Educar, nº12, p.153-165, 1996
- BUNGE, Carlos Octavio. **Nuestra América: ensayo de psicología social**. 6ª ed. La cultura argentina
- COSTA, Jean Carlos de Carvalho. **Sílvio Romero e a "idéia das três raças": uma hermenêutica do nacional a partir da categoria miscigenação**. Revista Cronos, v.7, nº1, 2006, p.135-149
- CASTRO, Fernando Luiz Vale. **Raça no pensamento do intelectual cubano Fernando Ortiz**. XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, 2015.
- CORRÊA, Mariza. Cartas Marcadas: Arthur Ramos a o Campo das Relações Raciais no Final dos Anos 1930. In: BIBLIOTECA NACIONAL (org.). **"Seminário Diários de Campo: Arthur Ramos, os antropólogos e as antropologias"**. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v.119, pp. 35-58, 1999
- FILHO, Alípio de Souza. **O Brasil e os brasileiros em relatos de viajantes - ou representações depreciativas do mestiço e das mestiçagens brasileiras na pena de viajantes estrangeiros entre os séculos XVI e XIX**.
- FLORENTINO, Manolo. **Em costas negras Uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**. São Paulo, Editora UNESP, 1ª ed., 1995.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. Global, 9ªed. , 2012.
- GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- LOMBROSO, Cesare. **O Homem Delinquente**. Editora ICONA. São Paulo, 2010
- MYERS, Jorge. **Músicas distantes. Algumas notas sobre a história intelectual hoje: horizontes velhos e novos, perspectivas que se abrem**. IN História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas. (org) Maria Elisa Noronha de Sá. – Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio, 2016.
- _____. **La obra de historia cultural de Fernando Ortiz: una interpretación del legado cultural americano en la encrucijada de Europa y África o una "AtlanticHistory" avant la lettre**. XVII Congreso de AHILA, Berlín, 2014
- NINA RODRIGUES, Raimundo. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. Editora Guanabara.
- OLIVEIRA, Waldir Freitas; LIMA, Vivaldo da Costa (orgs). **Cartas de Édson Carneiro a Arthur Ramos**. São Paulo: Corrupio, 1987.

- RAMOS, Arthur. **O negro brasileiro: etnografia religiosa**. 5 ed., Rio de Janeiro: graphica, 2001
- _____. **Folclore negro do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, Vol. IV, 1935.
- _____. **A aculturação negra no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 2006, p.209
- RODRIGUES, Marcela Franzen. **Raça e criminalidade na obra de Nina Rodrigues: Uma história psicossocial dos estudos raciais no Brasil do final do século XIX**. Estudos e pesquisas em psicologia, v.15, nº3, 2015
- SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. Tradução Denise Bottmann — São Paulo, Companhia das Letras, 2011
- SANTOS, Ricardo Augusto. **Oliveira Vianna, Eugenia e o Campo Intelectual da Primeira República**. Disponível em <http://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/Mesas/mesa5-Ricardo.pdf>
- SCHNEIDER, Alberto Luiz. **O Brasil de Sílvio Romero: uma leitura da população brasileira no final do século XIX**
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. **Usos e abusos da mestiçagem e da raça no Brasil: uma história das teorias raciais em finais do século XIX**. Afro- Ásia, v.18, 1996, p. 77-101
- SILVA, Edson Pereira; TEIXEIRA, Izabel Mello. **História da eugenia e ensino de genética. História da ciência e ensino**, v.15, p.63-80.
- SKINNER, Quentin. **Visões da política: sobre os métodos históricos**. Algés: Diefel, 2005
- SKOLAUDE, Mateus Silva. **Identidade nacional e historicidade: o 1º Congresso Afro-brasileiro de 1934**. XII Encontro Estadual de História da AMPUH/RS, 2014
- TAMANO, Luana Tieko Omena. **O pensamento e atuação de Arthur Ramos frente ao racismo nos decênios de 1930 e 1940**. Disponível em <http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/attachments/article/189/O%20PENSAMENTO%20E%20ATUA%C3%87%C3%83O%20DE%20ARTHUR%20RAMOS%20FRENTE%20AO%20RACISMO%20NOS%20DEC%C3%8ANIOS%20DE%201930%20E%201940.pdf>
- TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América – A questão do outro**. Trad. Perrone-Moises, Beatriz. – 4ªed.- São Paulo: Martins Fontes, 2010

Anexos.

Anexo 1

May 20th 1927
PROF. DR. FREUD
WIEN, IX., BERGGASSE 19.
Dear Dr Ramos
Accept my sincere thanks for
sending me your thesis "
Primitivo e Loucura.
I am sorry I cannot enjoy it as
I do not read your language
I gather you have mastered the
whole of the subject.
Yours truly
Freud

Fonte: Biblioteca Nacional, Arquivo Arthur Ramos

Descrição: Correspondência enviada por Sigmund Freud à Arthur Ramos com o intuito de agradecer o envio da sua tese de doutorado "primitivo e loucura", defendida na Universidade Federal da Bahia.

Data: 20 de Maio de 1927

Anexo 2:

14817 MOD. 102 (ANT. T. 2)

BRASIL DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAPHOS
TELEGRAMMA

RECEBIDO
DE 30
POR Orc
A'S 8/5

ENDERECO
5

ARTHUR RAMOS
PRAIA DO RUSSELL 164 RIO =

DE BAHIA 1091000,36,27,23H HORA

— JANTAR OFFERECIDO HOJE EDISON CARNEIRO MOTIVO.
— APARECIMENTO RELIGIOES NEGRAS BRINDAMOS SEU NOME
— MAIOR AFRICANISTA BRASIL = JORGE AMADO AYDANO DO
— COUTO FERAZ AZEVEDO MARQUES JOAO CORDEIRO CLOVI
— AMORIM ALVES RIBEIRO —

2-35,21,528

Bh.

Apriimeira linha deste telegramma, depois do endereço, contém as seguintes indicações: estação de procedência — número do telegramma — número de palavras — data e hora da apresentação.
Recebam, si houver demora na entrega de vossos telegrammas.

Fonte: Biblioteca Nacional, Arquivo Arthur Ramos

Descrição: Correspondência enviada por Jorge Armado à Arthur Ramos para informar que no jantar de lançamento do livro “Religiões Negras, de Édison Carneiro, o seu nome foi lembrado como o grande africanista do Brasil.

NORTHWESTERN UNIVERSITY
COLLEGE OF LIBERAL ARTS
EVANSTON, ILLINOIS

DEPARTMENT OF SOCIOLOGY
AND ANTHROPOLOGY

March 26, 1936

Dear Doctor Ramos:

I was greatly pleased that you found use for the papers which I sent you. I have a very strong feeling that the scientific problems inherent in the study of the Negro are of such magnitude that it is only through the contact and cooperation of all of us who are working in the field that any substantial results can be achieved. Therefore, needless to say, I welcome this opportunity for us to remain in contact with each other. I am at the present time at work on my Haitian material of which I have as yet published nothing. I hope that I will have the book which I project finished by the end of the summer and that it will appear not later than next spring. I will of course see that you receive a copy, and I shall also wish you to have a copy of the volume on Suriname folklore which I hope will be published sometime during the late spring or early summer.

I think that the best means of putting you in touch with the work in social psychology in this country is through Murchison's book and two volumes by Professor Kimball Young. I am writing both of these men asking that they have copies of their books sent you, and I trust that you will find these works of value.

I think that the two best recent works on the religion of the Haitian Negroes are those by Doctor Price-Mars and Doctor Dorsainvil which are mentioned in the bibliography of my paper on the social history of the Negro. Each of these men has published other works; one by Price-Mars is called "Ainsi Parla L'Oncle" and appeared in 1928, and another is by Doctor Dorsainvil and is called "Vodou et Nevrose". This was published in 1931. I believe that both men would be more than glad to send you copies of their work if you got in touch with them.

I have wondered if it might not be worthwhile to pay some attention to other than the religious aspects of Brazilian Negro culture. I realize that it is more difficult to isolate African elements in such phases of New World Negro behavior than it is in the religious life. However, I myself found both in Haiti and Guiana, as students of mine have recently found in the Virgin Islands, Martinique, and Jamaica, that there are many phases of the economic and social life which are as African as the religious beliefs. Since the work on Afro-Brazilian religious concepts has achieved such brilliant results, I wonder if investigation into the somewhat more prosaic but nevertheless scientifically significant everyday aspects of life might not be undertaken with great profit?

I shall look forward with lively interest to seeing your new

2.

book when it appears as well as other works on the Brazilian Negro.
In the meantime, I am sending you two recent papers of mine which I
hope you will find of interest.

With kindest regards, I am

Very sincerely yours,



Melville J. Herskovits

Dr. Arthur Ramos,
Praia Do Russel, 164/6--Ap. 16
Rio de Janeiro,
Brazil.

Fonte: Biblioteca Nacional, Arquivo Arthur Ramos

Descrição: Correspondência enviada por Melville Herskovits à Arthur Ramos tecendo comentários acerca do estudo sobre os negros em vários países.

Data: 26 de março de 1936



Edison Carneiro

Bahia, 19-VII-37.

Meu caro Arthur Ramos,

Até que já lhe escrevi que estou vendo mi coisa a liberdade religiosa dos negros. No dia 3 de agosto, vários negros, jor-de-santo e gente de candomblé, convocados por mim, vão fundar o Conselho Africano da Bahia (um representante de cada candomblé), que se proporia a substituir a policia na direcção das coisas africanas. No mesmo dia, todos assignaram um memorial ao governador, pedindo a liberdade religiosa e o reconhecimento do Conselho como a autoridade organica dos candomblés. Já fiz o memorial e vou fazer os estatutos do Conselho. Até que conse-

Fonte: Biblioteca Nacional, Arquivo Arthur Ramos

Descrição: Trecho da correspondência enviada por Édison Carneiro para tratar da sua defesa da liberdade religiosa para os negros.

Data: 19 de julho de 1937

Anexo 5:



Bahia, 16-VI-37.

Arthur Ramos,

Mandei pra você o primeiro numero da FLAMMA - e o director da revista, o Paim Junior, fez o mesmo. Este bilhete é só pra lhe pedir collaboração pra revista, coisa que você não póde negar. Queremos ver si o novo numero traz collaboração sua, do Mario de Andrade, do Erico Verissimo, do Zé Lins, de outros bambas.

A gente não acceita desculpas.

Pegue um abraço do amigo

Fonte: Biblioteca Nacional, Arquivo Arthur Ramos

Descrição:Correspondência enviada por Édison Carneiro convidando Arthur Ramos a publicar na revista Flamma.

Data: 16 de junho 1937